

Portuguese B – Higher level – Paper 1
Portugais B – Niveau supérieur – Épreuve 1
Portugués B – Nivel superior – Prueba 1

Friday 8 May 2015 (afternoon)
Vendredi 8 mai 2015 (après-midi)
Viernes 8 de mayo de 2015 (tarde)

1 h 30 m

Text booklet – Instructions to candidates

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for paper 1.
- Answer the questions in the question and answer booklet provided.

Livret de textes – Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

Cuaderno de textos – Instrucciones para los alumnos

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

Texto A

Turismo de Macau em Portugal

- 5 ❶ A relação entre Portugal e Macau não começou ontem – são mais de 450 anos de uma história partilhada, um legado histórico de abertura ao mundo e a diferentes culturas, o que motiva um especial interesse e atracção para portugueses. Macau é hoje um dos destinos com maior crescimento turístico e económico em todo o Mundo. Em 2013 Macau recebeu mais de 29 milhões de visitantes, sendo 16.000 dos quais de Portugal, o que corresponde a um crescimento 10,6%. A estratégia promocional de Macau assenta na divulgação do seu património histórico e no desenvolvimento da indústria do lazer e do turismo de negócios.



- 10 ❷ Macau tem hoje uma nova oferta a descobrir, assente em modernas infra-estruturas hoteleiras, com cerca de 29 mil quartos, e na indústria do entretenimento, com uma oferta muito abrangente e diversificada. No Ano do Cavalo, a mensagem e estratégia do Turismo de Macau passa pelo seu novo posicionamento como Centro Mundial de Turismo e Lazer, prosseguindo com a promoção de produtos diferenciados sob o tema “Momentos Memoráveis – Sentir Macau” e a consolidação da imagem de turismo de qualidade e da oferta turística. Mais do que expectativas, temos a esperança que Macau continue a fascinar os portugueses. Seja bem-vindo a Macau!

Macau Património Mundial

- 20 ❸ “O Centro Histórico de Macau” constitui um testemunho vivo da assimilação e da coexistência continuada das culturas orientais e ocidentais no decorrer de um capítulo único da história; representa o pluralismo cultural Oriente-Occidente, coroado de êxito, reflectindo a persistente abertura da civilização chinesa ao influxo de conceitos culturais ocidentais no decorrer daquele período histórico; e é fruto do respeito e tolerância mútuas entre culturas e civilizações diferentes. O seu valor está consubstanciado não apenas na plenitude das suas infra-estruturas arquitectónicas e urbanas, mas também no facto de que estas retiveram o seu espírito e funções originais até aos nossos dias.
- 25 ❹ “O Centro Histórico de Macau” foi inscrito na Lista do Património Mundial em Julho de 2005, tornando-se no 31º sítio designado como Património Mundial na China. Este reconhecimento internacional está a ajudar a fomentar a consciencialização da comunidade e a nutrir a apreciação dos valores patrimoniais, influenciando positivamente programas futuros de desenvolvimento urbano, que serão levados a cabo em sintonia com a conservação do património.

Texto B

O “pseudo-arrastão*” de Carcavelos: repor a verdade

Por ocasião do seminário Media e Imigração, que decorreu a 8 de Junho no Palácio Foz, o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) publica um conjunto de documentos para repor a verdade e ajudar à compreensão deste processo.

5 Passado um ano dos acontecimentos da praia de Carcavelos, que sucederam no dia 10 de Junho de 2005, ainda muitos portugueses acreditam que de facto se verificou um “arrastão” realizado por centenas de jovens negros provenientes de bairros degradados. Os desmentidos, realizados e divulgados, tiveram um efeito mínimo, não se verificando a reposição da verdade factual. Apesar da dificuldade em repor a verdade e compensar os visados pelos danos morais que a produção noticiosa sobre o “pseudo-arrastão” causou, o ACIME entendeu ser sua obrigação publicar alguns documentos que ajudam a uma melhor compreensão deste processo. Um dos elementos centrais é o relatório da Alta Autoridade para a Comunicação Social, produzido na sequência da queixa da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR).

15 Um outro documento que contextualiza o anterior é o comunicado da CICDR. Pretendeu-se ainda sublinhar a actuação de jornalistas e colunistas incansáveis na sua missão de procura da verdade, como Nuno Guedes, de *A Capital*, ou Pedro D’Anunciação, do *Expresso*. Por seu lado, a jornalista Diana Andringa realizou o documentário “Era uma vez um arrastão”, que reconstitui e explica a verdade em relação a estes acontecimentos. Presente no lançamento do livro, disse que o caso da praia de Carcavelos evidenciou que a comunicação social portuguesa está a privilegiar a velocidade em detrimento do rigor. Na opinião de Diana Andringa, que já presidiu ao Sindicato dos Jornalistas, o mais importante é reflectir sobre a forma como está actualmente a ser produzida a informação. A jornalista considera que além da reflexão sobre a velocidade e o rigor é importante que a classe jornalística aprenda, quando erra, a assumir o erro. Acrescentando que aquilo que mais dignifica um jornalista é pedir desculpa e assumir os erros, a jornalista congratula-se com o facto de, um ano depois dos acontecimentos, o assunto poder ser discutido novamente.

Texto adaptado: www.acidi.gov.pt (2006)

* arrastão: do verbo “arrastar”, descreve a acção de um grupo de indivíduos que simultaneamente assaltam o maior número de pessoas possível em espaços públicos como praias, parques e comboios

Texto C

O menino que escrevia versos*

— Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— Há antecedentes na família?

5 — Desculpe doutor?

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

10 — Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

— São meus versos, sim.

15 O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: fraqueza intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

20 Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

— O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica.

25 Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. [...] Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

— Dói-te alguma coisa?

— Dói-me a vida, doutor.

30 O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera.

— E o que fazes quando te assaltam essas dores?

— O que melhor sei fazer, excelência.

— E o que é?

— É sonhar.

35 Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

40 A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

45 Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

50 O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

55 Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo...

Texto adaptado: Mia Couto, *O Fio das Missangas* (2009)

* O menino que escrevia versos: este é um conto do premiado escritor moçambicano Mia Couto. No conto, o autor descreve como a literatura é importante na vida de um menino pobre

Texto D

Portugal lidera solução para gerir recursos naturais da Terra

Aplicar o modelo jurídico do condomínio à gestão dos recursos naturais comuns da Terra encarada como um sistema global, é um projeto internacional ambicioso que está a ser liderado por Portugal.

O projeto chama-se Condomínio da Terra, abarca os recursos naturais que não têm fronteiras físicas, como a atmosfera, os oceanos, o ciclo hidrológico, a biodiversidade ou o clima, e foi debatido recentemente numa conferência internacional na Fundação Serralves, no Porto.

Calcular os limites do nosso planeta

A *Planet Boundaries Initiative* [Iniciativa Planeta com Fronteiras], iniciativa envolvida no projeto liderado por Portugal, defende uma governação global efetiva dos processos do Sistema Terrestre. Nesse sentido tem trabalhado na definição e cálculo dos limites do planeta a partir dos quais fica ameaçada a preservação do Sistema Terrestre com a estrutura química que permite a existência da civilização humana.

Will Steffen, investigador da Universidade Nacional da Austrália, revelou que até agora já foram calculados os limites para a concentração de CO₂ na atmosfera, a acidificação dos oceanos, a redução da camada de ozono, a quantidade de azoto removido da atmosfera, a perda de biodiversidade, a extensão de terras que podem ser convertidas em culturas, o consumo global de água e a quantidade de fósforo que flui para os oceanos.

Destes oito limites, só os últimos três não foram ultrapassados. A situação é mais grave na perda de biodiversidade (1000 % acima do limite) e na quantidade de azoto removido da atmosfera (346 % acima do limite).

A contabilidade da Pegada Ecológica

“Um planeta finito não pode sustentar um crescimento infinito da população e do consumo de recursos”, afirmou Alessandro Galli, diretor do Programa Mediterrânico da *Global Footprint Network* [Rede Pegada Global].

A organização defende um futuro sustentável onde todas as pessoas possam ter qualidade de vida com os recursos de um planeta. Nesse sentido tem trabalhado para que haja um uso generalizado da Pegada Ecológica para medir o impacto da atividade humana na Bioesfera.

E para calcular se estamos a consumir os recursos naturais que a Natureza nos pode fornecer – a chamada Biocapacidade – mais depressa do que o nosso planeta os pode repor. Com efeito, neste momento já são necessários 1,5 anos para a Terra voltar a produzir os recursos naturais consumidos pela sua população durante um ano.

Pensar para além da soberania dos Estados-nação

Kul Gautam, antigo secretário-geral adjunto da Organização das Nações Unidas, defendeu na conferência de Serralves os *Global Commons* ou bens comuns como “uma forma completamente diferente de organizar a governação global do planeta, de modo a gerir melhor o património comum da Humanidade”.

O orador nepalês salientou que “chegámos a uma encruzilhada na História humana em que precisamos de pensar para além do paradigma da soberania dos Estados-nação e dos mecanismos convencionais de mercado, no que diz respeito aos problemas do planeta relacionados com alterações climáticas, aquecimento global, pandemias, armas de destruição maciça ou ciber-segurança”.

Texto E

“Meu querido canibal” – a identidade brasileira

Introdução

O Brasil é um país muito rico e diversificado, que possui um acentuado acervo histórico e cultural, além de uma memória tradicional que permite o deslumbramento de sua história. Na verdade, a identidade trata-se de um processo de legitimação social e cultural de determinados elementos históricos que confere a um grupo um sentimento coletivo de ser cidadão e fazer parte de uma nação.

A identidade brasileira – reflexo do passado, presente e futuro

5 Qual o pressuposto que temos para definir quando se começou o processo identitário do Brasil? Obviamente, o território já era procedente de cultura antes que outros povos soubessem da sua existência. Contudo, o que marca a história e identidade do país, é o “descobrimento” dele por outros países como Portugal, através da expansão marítima.

10 Nos fundamentos da sociedade ocidental, o colonizador tenta reproduzir sua dialética política, econômica, social e cultural no lugar que se apropria, afastando o nativo de continuar vivendo de acordo com os seus preceitos. Assim, a imagem refletida do conquistador passa a fazer parte de um lugar onde antes existia uma cultura própria, mas, ao mesmo tempo, diversificada devido às inúmeras tribos com diferentes costumes já existentes. Tendo a memória como instrumento de intensificação, o colonizado tem a possibilidade de dar continuação a sua cultura, mesmo existindo perdas significantes. Deste modo, o coração da cultura nativa sempre estará pulsando e o conceito de igualdade se dizimará. Muitas vezes não se vive nem uma cultura nem outra. Apenas oscila em meio a tantos devaneios e diferenças, impossibilitado de construir a sua própria identidade.

20 Em “Meu querido canibal”, Antônio Torres mostra que essa inserção de uma outra cultura e a imposição à escravidão dos indígenas não foi de forma tão pacífica assim. Torres se debruça em traçar um painel das primeiras décadas de história brasileira mergulhando em acontecimentos como a criação, auge e massacre da Confederação dos Tamoios, o arranjo social das comunidades tribais, o estilo de vida, as mentiras e traças dos conquistadores e a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

25 Orgulho de pertencer a um lugar é ter identidade. Existir é ter identidade. A altivez promissora dessa terra é que somos bem aventureiros de correr entre os tiros de bala e uma guerra civil, viver em meio ao tráfico de drogas, ser discriminado ao entrar num restaurante ou uma universidade, ser mordido pelas cobras políticas e midiáticas, ser barrado por crianças nas sinalizas, por uma série de desempregados e analfabetos, assistir a vida da maneira mais cruel e ainda assim ter forças para levantar em meio a tanto lixo, morbidez e ganância, acordar alagado pela chuva e dizer: “a vida continua”.

Texto adaptado: Lilian Daianne Bezerra Mota, www.recantodasletras.com.br (2007)